

o cabelo ao or essas noi-s, eu sentia me o rosto. Firme, indi-elas no Céu, e, enquanto ra, e o mar, a embarca-rto, atira-velho rês a ca,

mas passageiro. Poucos meses depois ao che-gar a Lisboa, recebi um telegrama: «Venha, é pai. Mãe mal». Fui. Não chorei a morte, nem ameí a viva, uns palmos de carne palpitante, um farrapo de carne quasi podre. Trouxe co-migo esse entezinho. Deixei-a ao cuidado duma familia amiga. Cresceu, fez-se mulher e linda. Quando, depois de anos, volvi a pátria, ela casou com um advogado célebre. Mas foi pouca a sua felicidade, meses depois envi-vava. Teve um desgosto enorme, adoeceu do peito, e expirou num sofrimento atroz, deixando uma filhinha de me-ses. Tudo morria em volta de mim. Aqui está sobre a mesa o retrati-nho daquela que além dorme; tenho vontade de chorar!

— «Sinceramente?», oiço-a perguntar, e sorrir. Ago-ra que tenho oitenta e dois anos, embora robustos, eu sinto a morte aproxi-mar-se. Amo, enfim! Mas amo verdadei-ramente, since-ramente, a mi-nha netinha, que tem cinco anos. E fechando os olhos, vejo-a no seu lei-tozinho, tal qual a deixei ainda há pouco, loira, branca, rosada. E digo: — Não esque-rei, descan-ça! Palavra de rei, não volta atrás. Compran-te hei um, dois, mil bonecos, se quise-res. — Sinceramente? — Sin-cera-mente...



ALAIN GERBAULT

o navegador solitário

Mas Alain Gerbault é que não se sentiu satisfeito com esta aventura que lhe ia custando a vida. O seu sonho de muitos anos, uma vez efectivado, criou-lhe o desejo de novos empreendimentos não menos audaciosos. As lutas e trabalhos com a fúria das ondas atlânticas, em vez de abaterem a sua energia e vontade, fizeram-lhe nascer ansias de maiores contendas

mora no Pacífico. As inúmeras ilhotas da Polinésia, os atolls perdidos nos mares do sul seduziam-no. Os livros de Conrad, Somerset Maugham, Stevenson, tinham exercido em Gerbault aquele mesmo interesse e curiosidade, que levaram Marcel Schwob até Samoa. Gerbault visitou todas essas minúsculas ilhas de coral, constantemente batidas pelos furacões,

com os elementos. E assim, em 1924, deixou de novo, a bordo da mesma casca de noz à vela, o porto de Nova-York, para se fazer com rumo ao Havre pelo caminho mais longo, isto é, cruzando o canal de Panamá, os estreitos de Sonda e Singapura, e o cabo de Boa Esperança, para então reen-trar no Atlântico.

Longa foi a sua de-

que as tornam pouco recomendáveis à instalação dos ocidentais. Fundeando sempre onde a costa lhe parecia mais hospitaleira, o *Firecrest* peregrinou por todos os portos ignorados, para de novo se lançar nos mares, recolhendo-se então Gerbault à leitura dos seus poetas e pensadores preferidos, meditando sobre o seu isolamento voluntário.

Mas, quem é Alain Gerbault? É o que vamos explicar.

Durante a guerra, fazia parte duma esquadilha de aviões de caça um piloto alto e magro, mas de boa e disciplinada musculatura, pouco sociável e bastante taciturno. Vivía num mundo afastado dos outros aviadores, entregando-se nas horas vagas à leitura de Edgar Poe, Keats, Shelley, Baudelaire, Verlaine, Stevenson, Courad, e de muitas obras consagradas à navegação e meteorologia. Esse aviador macambúcio, misto de poeta, vagamundo e científico,

No alto, à esquerda: Gerbault, após os 102 dias da travessia do Atlântico, põe pela vez primeira o pé em terra, em Nova York; as restantes fotografias mostram o destemido nauta, sempre com o seu sorriso sadio e enigmático, a bordo da sua frágil embarcação

bravura e espírito de sacrifício eram, no entanto, admirados. O mesmo acontecia ao seu espírito de justiça, pois se às vezes Alain Gerbault falava de mótu próprio, era quasi sempre para se insurgir contra qualquer injustiça de que fosse alvo algum dos seus camaradas.

Terminada a guerra, Alain Gerbault esqueceu imediatamente os aviões que abatera, e dedicou-se exclusivamente à náutica. Foi então que aos seus íntimos anunciou o projecto de se fazer de vela, sozinho, até à América. Ninguém acreditou no amanhã do projecto, e todos pensavam mais em Alain Gerbault como roado campeão de «tennis» da França, tão pro-metedoras eram as suas constantes vitórias na

Um transporte acoitado pelo tempo e a fotografia do «Firecrest»



Alain Gerbault a bordo do «Firecrest», fundeado em Fidji (Polinésia)

Côte-d'Azur, do que feito monge e abandonado ao sabor dos ventos e das ondas. Mas os campeonatos de «tennis» eram para Gerbault apenas um pretexto para defrontar parceiros de maior categoria. Considerado, em 1921, o sexto tennista francês, não lhe era fácil encontrar adversários de peso para o seu passatempo favorito, pois que o «tennis» era para ele, acima de tudo, um mero divertimento. No entanto, Gerbault foi, em 1921, finalista, com Albarran, do campeonato internacional de Nice, e se o seu nome e retratos não apareceram nos jornais e revistas com aquele aspecto reclamativo atribuído a todos os campeões, é porque Gerbault sempre detestou a glória mundana e *snob* dos salões e lugares elegantes.

Susanne Lenglen, a célebre tennista sem

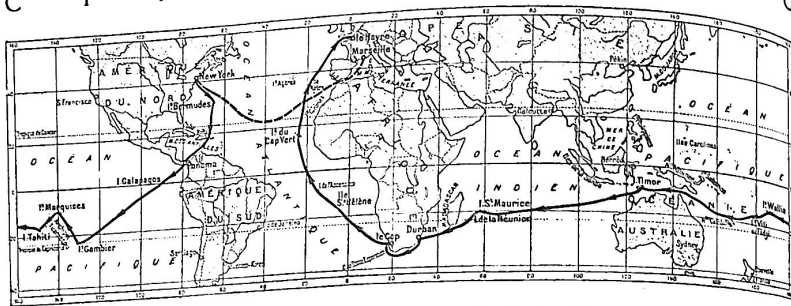
igual, queria, não só pela grande amizade que a prendia a Gerbault, mas também pela classe progressiva que este demonstrava de dia para dia, escolhê-lo para seu par nas grandes competições mundiais. As glórias dos aerodromos, dos autodromos—Gerbault também foi um conceituado volante amador—e dos campos de «tennis» não o seduziam. O seu ideal era o «yachting», sport pelo qual mantinha uma especial predilecção, desde muito jovem. Já mais se apagavam da sua mente aqueles dias passados em Dinard, quando ele se fazia de vela, com os pescadores, até ao mar largo. Desde então, Gerbault reconheceu que o mar seria o único amigo do seu temperamento solitário e taciturno. O oceano imenso e deserto seria — pensava ele — o lugar ideal para se

refugiar do mundo e entregar-se aos seus pensamentos queridos e aos seus livros predilectos. O Atlântico tornou-se para ele o imenso espaço sem fim, de horizontes ilimitados, onde andaria à vontade, sem perigo de trair a sua maior ambição: ser solitário de corpo e espírito.

Os seus raros amigos, principalmente Albarran e Lenglen, bem tentaram dissuadir Gerbault da perigosa aventura oceano

Procedendo à manobra do «Firecrest», em pleno oceano





Itinerário seguido por Alain Gerbault na volta ao mundo a bordo do «Firecrest». A linha tracejada representa a primeira «étape» da viagem — de Marselha a Nova-York — que só foi continuada após um ano de repouso e estudo

através do Atlântico, que ele preparou e estudou minuciosamente durante três anos. Tudo foi em vão. E um dia, quando toda a gente se ria dele, apelidando-o de lunático, fez-se de rumo à América, partindo da Côte de Azur.

* *

Foi em 1923, que Alain Gerbault largou no seu cutter *Firecrest*, velho de trinta anos, para a aventura que lhe trouxe a glória.

Bastantes modificações introduziu Gerbault no seu barquinho para conseguir manobrar sozinho um «cutter», que, segundo os técnicos, precisa pelo menos de três a quatro homens de equipagem. Tudo foi convenientemente estudado, inclusive a própria alimentação, porque Gerbault, longe de ser um louco, também não é um vulgar aventureiro que se entregue à sua boa estrela. Ele conhecia já o mar e sabia dos seus perigos.

A maneira de ensaio, a primeira viagem do *Firecrest* fez-se de Nice directamente a Gibraltar, de onde então largou para percorrer os 6.000 quilómetros que o separavam da foz do Hudson. As cartas e instrumentos de navegação, os seus livros favoritos franceses e ingleses, eram os seus únicos companheiros.

O primeiro terço da travessia passou-se sem incidente. O navegante solitário goza as delícias duma brisa suave, entregando-se à pesca, à leitura e à tradução de romances de Rudyard Kipling. Mas tamanha quietação atmosférica não podia durar muito, não tardando Gerbault a encontrar-se no centro duma depressão ciclónica.

Surgiram então duas semanas de temporal,

vento, calor tórrido e chuva torrencial e quente. Apossa-se do nauta uma bronquite que o deixa durante dois dias perfeitamente inconsciente, tomado pelo delírio. O *Firecrest* segue ao acaso, bastante danificado pela tempestade. Mas Gerbault reage, e, com uma energia titânica, recomeça a sua faina de navegante, tentando reparar as avarias. Só a sua formidável força de vontade conseguiu fazê-lo resistir a 26 dias de tempestade que, por várias vezes, se intermediaram nos três meses e meio da travessia.

Veiu após a revolta do mar o suplicio da sede. O navegante arde em febre, tem alucinações, mas não abandona o leme e não deixa de prescrutar o horizonte, embora se sinta uma espécie de sobrevivente único ao cataclismo do fim do mundo.

Subitamente, um ponto negro no horizonte, aumentando sempre, caminha para o *Firecrest*. É o Byron, *cargo* grego que fazia rumo à América. O capitão oferece os seus serviços à equipagem do *cutter*, mas, vendo apenas um homem, exclama:

— Perdeste os teus companheiros com o vendaval?

— Não! eu viajo sozinho! Em que ponto exacto me encontro?

— A perto de duzentas milhas (370 quilómetros) do farol de Natuncket. Se quiseres, nós damos-te um reboque.

— Muito obrigado; quero apenas água, quinho e alguns víveres.

Eis o exemplo mais completo e perfeito da valentia. Que magnífico epílogo para uma orgia de bravura e força de vontade.

Nove dias depois deste acontecimento, o *Fi-*

recrest aportava a Long Island (Nova York) e, quando interrogaram Gerbault sobre os seus 102 dias de solidão no Atlântico, os jornalistas tiveram apenas esta resposta:

— Aparte a falta de água, a viagem foi ideal... Tenciono até continuá-la num cruzeiro à volta do mundo. E entretanto vou tomar um banho e comprar um fato, porque não tenho que vestir.

* *

Um ano depois, Alain Gerbault deixava Nova-York para continuar a sua viagem de circun-navegação, que durou cinco anos. Acabou-a há dias com a última etapa dos Açores ao Havre.

Os principais pontos de paragem dos 6.000 quilómetros do *Firecrest* foram: Nova-York, ilhas Bermudas, Panamá, em cujo golfo esteve retido, durante semanas, por falta de vento. Atingiu depois as ilhas Galapagos, passou em seguida ao dis-tante arquipélago de Gambier, às ilhas Marquesas, para descer ao sul e atingir as perdidas ilhas de coral do arquipélago Tuamout, e mais tarde Tahiti e ilhas Wallis, onde um terrível acidente o reteve durante alguns meses.

Após uma estadia na Oceânia, o *Firecrest* fez-se de vela até às ilhas Maurícias e Reunião, dobrou depois o cabo de Boa Esperança, para entrar, então, no Havre, com escala pelas ilhas de Santa Helena, Ascensão, Cabo Verde, Madeira e Açores.

De vez em quando chegavam à Europa algumas notícias do *Firecrest*, que se tornou alvo da admiração dos homens, nesta época em que o aeroplano e o automóvel traçam o ritmo vertiginoso da vida moderna. Telegramas lacónicos e raríssimos informavam que Gerbault chegara a um porto desconhecido, escapara milagrosamente a uma grande tormenta, fora feito rei duma ilha do Pacífico, caíra nas graças duma rainha da Oceânia... Enfim, fantasias e realidades... a verdade à mistura com a lenda, como aconteceu com os navegantes da época dos descobrimentos.

Que nova viagem empreenderá Gerbault para fugir aos fotógrafos, jornalistas curiosos, e, principalmente, às mulheres, que entre sorrisos de sedução e desejos francamente manifestados, lhe perguntarão: «Como conseguiu viver tanto tempo longe do mundo e... do belo sexo?» Agora, mais do que nunca, deve Gerbault sentir a saudade da solidão, o

desejo nostálgico do mar imenso...

Entretanto o grande mundo, sempre ávido em desvendar tragédias íntimas nos outros, tenta descobrir, em vão, as desilusões de amor que levaram o nauta do *Firecrest* a tão arriscado empreendimento. E não encontrando o ambicionado drama de amor, o mundo desdenhoso julga Alain Gerbault demente, sem conseguir sequer compreender o prazer da solidão e da vida fóra dos prazeres e das ambições do mundo.

C. A. R.



O sorriso confiante e misterioso de Alain Gerbault